

BRANQUITUDE E UMBANDA: A BUSCA PELA PADRONIZAÇÃO E SUPREMACIA DE UMA COSMOVISÃO EMBRANQUECIDA

WHITENESS AND UMBANDA: THE SEARCH FOR STANDARDIZATION AND SUPREMACY OF A WHITED COSMOVISION

Paulo Henrique Prado da Silva¹

RESUMO

No presente artigo buscamos problematizar os discursos presente na tese “Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos: fundamentos históricos e filosóficos” apresentada no I Congresso do Espiritismo de Umbanda, assim como algumas fotografias deste evento. Almejando colocar em evidência a influência da branquitude na construção das cosmovisões umbandistas e sua história, já que essa tese foi elaborada e apresentada por um homem branco. Destacando a importância de investigar os espaços ocupados por pessoas não racializadas no Estado brasileiro. Deste modo, nos aproximamos das discussões promovidas por Bento (2022) e Silva (2017) acerca do conceito de branquitude e Nogueira (2020) sobre o racismo religioso para subsidiar nossas análises. No que tange a metodologia, adotou-se a Análise de Discurso por possibilitar adentrar no mundo simbólico das linguagens, fluindo ao encontro do dito e não dito, conseqüentemente, evidenciando o caráter ideológico do mesmo. Neste caminho foi possível notarmos a busca pelo embranquecimento das práticas umbandistas, onde mergulhavam em cosmovisões de base cristã com o intuito de desafrikanizar e desindiginezar as Umbandas, alimentando novas formas de materializar o racismo religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Umbanda. Branquitude. Racismo Religioso.

ABSTRACT

In this article we seek to problematize the discourses present in the thesis “Spiritism of Umbanda in the evolution of peoples: historical and philosophical foundations” presented at the 1st Congress of Spiritism of Umbanda, as well as some photographs of this event. Aiming to highlight the influence of whiteness in the construction of Umbanda worldviews and their history, since this thesis was prepared and presented by a white man. Highlighting the importance of investigating the spaces occupied by non-racialized people in the Brazilian state. In this way, we approach the discussions promoted by Bento (2022) and Silva (2017) about the concept of whiteness and Nogueira (2020) about religious racism to support our analyses. With regard to methodology, we used Discourse Analysis as it enabled us to enter the symbolic world of languages, flowing towards what was said and what was not said, thus evidencing its ideological character. In this way, it was possible to notice the search for the whitening of Umbandist practices, where they delved into Christian-based cosmovisions with the intention of de-Africanizing and de-indiginizing Umbanda, feeding new ways of materializing religious racism.

KEYWORDS: Umbanda. Whiteness. Religious Racismo.

¹ Discente de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGSP/UENF). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

1 INTRODUÇÃO

O primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda realizado em 1941, teve grande influência nas cosmovisões umbandistas, pois foram apresentadas diversas teses que serviram como base para se pensar e estruturar os terreiros e suas práticas, sendo até atualmente referências para diversos praticantes e pesquisadores da religião. O Congresso visava uma homogeneização das culturas de terreiro, estabelecendo um modo “verdadeiro” das Umbandas² serem. Carregava também, conforme uma das suas filosofias, a desafricanização desses espaços, almejando se aproximar de saberes religiosos brancos-europeus, a exemplo do Espiritismo de Allan Kardec, visando a “aceitação” do Estado e da sociedade brasileira com a religião. Um evento que serviu de combustível para o embranquecimento e apropriação desta religiosidade por pessoas brancas (SANTOS, 2019).

Esse movimento já vem sendo discutido pela autora e mãe de santo Flávia Pinto (2014), e pelo autor e pai de santo David Dias (DAVID, 2021), entre outros; nos apontando no decorrer da história dessa religião a imposição forte da branquitude almejando apagar e modificar suas tradições, seja por umbandistas ou não, caminhando junto aos interesses dos ideais do embranquecimento propagados no Brasil. Assim, enquanto umbandista e branco, me suscitou o interesse em observar os atravessamentos dessa ideologia nos discursos sobre as cosmologias das comunidades de terreiros neste primeiro congresso, já que o mesmo teve grande influência na religião, tendo pessoas não racializadas na sua organização e o seu principal interesse ter sido apagar e silenciar culturas afro diaspóricas e indígenas. Navegando a colocar o corpo branco e seus discursos no centro da análise acerca do racismo religioso, pois Jota Mombaça (2021) pontua, em relação à forma como sujeitas³ brancas se aproximam de conhecimentos produzidos por corpos racializadas, subalternizadas e coisificadas na colonialidade, em que tanto podem buscar o embranquecimento desses conhecimentos ou se apropriar.

Cabe lembrar, os terreiros têm sido, no decorrer da história, fundamentais para manterem vivas culturas afro diaspóricas e indígenas, valorizando modos de estar e ser no mundo no qual

² Utilizaremos a palavra Umbanda no plural para demarcarmos a diversidade cultural, filosófica e ritualística presentes nos terreiros, colocando em evidência as diversas linhas existentes nessa religião. Também destacando que os terreiros são influenciados pelos territórios onde se localizam, seja na cosmovisão ou nos elementos utilizados nos rituais, como a exemplo das ervas que vão ao encontro com a flora presente no mesmo. Não há um estilo único de ser Umbanda, mas sim diversos (SIMAS, 2022).

³ Caminhando ao encontro dos ensinamentos da professora Letícia Nascimento, utilizaremos as palavras “corpas”, “individuas” e “sujeitas” como forma de subverter a língua, de feminizar os termos, compreendendo que a linguagem é uma das ferramentas utilizadas para a colonização. Esse movimento surge de forma a demarcar possibilidades, fugindo da norma machista empregada pela linguagem que apaga a representação/simbolização de determinadas corpos no momento de escrita (FEMINISMOS, 2020).

divergem da cultura branca europeia. Esses espaços religiosos conseguiram passar através das gerações filosofias a quais o colonialismo e a colonialidade tentam aniquilar e, quando não conseguem, buscam se apropriar desses conhecimentos e costumes (SANTOS, 2019).

Diante disso, adotamos a Análise de Discurso como método investigativo acerca da influência que a branquitude exerce na construção da tese *“Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos: fundamentos históricos e filosóficos”*. Buscando evidenciar o caráter racista e de embranquecimento dos discursos elaborados referentes à história e cosmovisão umbandista. Pois, o mesmo não é meramente a transmissão de uma informação, mas carrega também consigo procedimentos de identificação, argumentação, subjetivação e de construção da realidade (ORLANDI, 2009).

Desta forma, no primeiro momento da análise procuramos observar as configurações discursivas mais abundantes na tese, sendo deste modo possível relacionar o dito ao não dito. Já na segunda etapa, fluímos para trazer essas formações discursivas relacionando com os conceitos de branquitude e embranquecimento, expondo as produções de sentidos que emanam. Também objetivamos expor o silêncio praticado no decorrer do texto referentes aos referenciais afro diaspóricos e indígenas da religião, apontando os significados germinados pelo mesmo, onde a ideologia e história podem serem conectadas ao não dizer, conseqüentemente, tornando-se simbólicas (ORLANDI, 2007).

2 UMBANDA: OS EFEITOS DA COLONIZAÇÃO

Antes de nos aprofundarmos na nossa análise, cabe ressaltar a importância da colonização promovida por Portugal no Brasil tem sobre as formas de se relacionar com espiritualidades afro diaspóricas e indígenas, onde buscavam criminalizá-las e extingui-las. Apesar da colonização ter chegado ao fim, seus ideais foram ganhando novas formas de se operar no decorrer da história, principalmente o conceito de raça. Aníbal Quijano (2010) caracteriza este novo modo de se operar raça de “colonialidade do poder”, nos demonstrando haver uma promoção da hierarquização do poder na colonialidade para coibir, coisificar e explorar as indivíduos, sobretudo as não-brancas e as dissidentes sexuais; provenientes do decurso da colonização dessas terras/povos. Seu objetivo é manter os privilégios das pessoas brancas, a supremacia dos ideais da branquitude, do patriarcado, do cristianismo, do capitalismo e da cultura euro-estadunidense nas terras/corpos usurpadas e exploradas por elas. Desta forma, impunham seus ideais, cosmologias, filosofias, religiosidades e culturas sobre as demais, violentando de diversas formas aquelas que fossem na contramão do sistema (QUIJANO, 2010).

A raça e o racismo foram primordiais na estrutura colonial, sendo a sua sustentação. Em primeiro lugar busca-se compreendermos a partir da ideia de classificação das seres humanas em acordo com características biológicas e étnico-culturais, indo ao encontro das circunstâncias históricas a qual é usado (ALMEIDA, 2019). Em relação ao racismo, caminharemos juntos ao pensamento de Silvio Almeida (2019), onde o conceitua como uma forma sistemática de discriminação, tendo de alicerce a raça. O mesmo desenvolverá mecanismos conscientes e inconscientes para gerarem desvantagens ou privilégios às pessoas, de acordo com a identificação racial a ela atribuída. O autor continua dizendo que: [...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares [...]” e segue afirmando “não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional” (ALMEIDA, 2019, p. 37).

No Brasil há também de se destacar outra forma peculiar do racismo, onde visavam manter o ideal de embranquecimento da sociedade e a falácia da existência de uma “democracia racial”, anunciando não haver diferenças entre indígenas, negros e brancos para promoverem o silenciamento dos conflitos raciais vigentes e das desigualdades sociais promovidas pela branquitude, ou seja, de velar o Racismo Estrutural presente em terras brasileiras (SCHUCMAN, 2014).

Diante desse aspecto, houve a instauração do ideal da teoria das culturas superiores e inferiores, em que as culturas patriarcais brancas europeias foram consideradas superiores às culturas afros e indígenas, substituindo o conceito de raça superior (SCHUCMAN, 2020). Consequentemente as culturas de terreiro foram consideradas inferiores às cristãs, sendo julgadas como atrasadas e diabólicas, precisando assim, serem destruídas ou reestruturadas a partir de uma perspectiva do cristianismo.

Essas violências promovidas pela colonização e reelaboradas na colonialidade acabaram promovendo um distanciamento e um silenciamento das influências culturais indígenas e afro diaspóricas na religião. Marcos históricos importantes sobre práticas que se assemelhavam as Umbandas foram sendo deixadas de lado, a exemplo dos relatos documentados acerca do povo tupi cantando e dançando para evocar as almas dos mortos, no ano de 1549, relatado pelo padre jesuíta Manuel da Nóbrega. Essas santidades indígenas também incitavam posturas anticoloniais naquela época, incitando contra os portugueses, os padres catequistas e a escravização, encorajando também ataques às igrejas, engenhos e missões jesuítas. Há de se lembrar, mesmo diante da imposição do cristianismo havia uma tupinização dessas práticas, sendo assim modificadas de acordo com sua cultura, um sincretismo religioso ao qual manteve vivas culturas que a colonização queria extinguir (SIMAS, 2022).

Outro relato sobre práticas semelhantes das Umbandas, seria a relatada no inquérito do Santo Ofício da Inquisição, onde é descrito algumas características do Acotundá, realizado na residência de Josefa Maria, no arraial de Paracatu do Príncipe em Minas Gerais, conhecido também como Dança de Tunda. O ritual era dedicado às divindades negras da nação Courá, habitantes originalmente na Costa da Mina, região do golfo da Guiné. No espaço onde ocorriam os rituais que continham um boneco com sua cabeça coberta por um tecido, deixando o nariz e os olhos à vista. Esse boneco era colocado em um tapete pequeno localizado em cima de dois travesseiros cruzados, contendo à sua volta panelas de barro, algumas contendo ervas cozidas e outras ervas cruas e um pouco de terra. O interior da casa foi descrito como tendo suas paredes feitas de barro, uma porta feita em couro e toda coberta por capim. No ambiente havia altares com diversas cabeças, espinhas de peixe, uma panela cheia de água e outra aparentemente pintada por sangue. Também havia uma casinha onde um tecido branco cobria uma imagem dos mistérios de Jesus Cristo- Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão aos céus. Josefa Maria foi denunciada em 1747 ao Santo Ofício da Inquisição por praticar rituais considerados como demoníacos pelos católicos brancos portugueses, sendo assim, proibida de continuar os rituais (SIMAS, 2022).

Esses momentos históricos não são destacados no Congresso aqui analisado, formado aparentemente por pessoas brancas. Ao contrário, há uma busca pela dissociação entre essas práticas religiosas e o que supostamente entendiam como Umbanda. Assim, caminham de forma a escrever uma estória sobre a religião e suas cosmovisões, fluindo ao encontro dos ideais políticos vigentes no território brasileiro, especificamente da branquitude.

3 A CULTURA DO EMBRANQUECIMENTO

A partir do exposto acima, caminharemos como o propósito de expor a aproximação das pessoas brancas aos terreiros umbandistas de forma acrítica quanto a suas branquitudes, onde colocam em prática o sistema de embranquecimento dessas religiosidades, contribuindo para a propagação do racismo religioso pelas próprias frequentadoras das giras. As Umbandas, tratando-se de uma religião brasileira que propõe cultivar ancestralidades de povos originários, africanos, tradicionais, mestiços, ciganos e entre outras, conseqüentemente trazem consigo cosmovisões que se alimentam dos saberes produzidos por esses povos, mantendo vivas culturas a qual tentam silenciar, nos fazerem esquecerem (COMUNICA, 2021).

Diante disso, utilizamos do conceito de branquitude como dispositivo de investigação acerca dos discursos que pessoas brancas elaboram sobre as cosmologias umbandistas. Entendendo-o como uma ferramenta possibilitadora de investigar o pensamento racial de sujeitas

não racializadas em diferentes contextos, colocando esse grupo no centro dos estudos sobre as questões raciais e a de percebê-las sendo resultados do colonialismo, onde foi inventado configurações acerca das subjetividades e os lugares que poderiam ser ocupados por corpos brancas e não-brancas (BENTO, 2022).

De acordo com Maria Aparecida Bento (2022), há uma distorção acerca do lugar que as pessoas brancas ocupam na colonialidade, não colocando em xeque os atravessamentos de suas branquitudes, do Racismo Estrutural, nos espaços ao qual ocupam e transitam; tendo o racismo religioso um dos seus resultados. Consequentemente acabam alimentando o sistema racista vigente, seja na omissão ou no silenciamento frente a posturas racistas de apropriação, embranquecimento e discriminação de conhecimentos e tradições afro e indígenas (MOMBAÇA, 2021).

Ainda dentro desse conceito, é importante destacar que seu construto ideológico é formado a partir do olhar branco sobre as coisas, classificando culturas diferentes a suas como inferiores, de maneira a estabelecerem e defenderem seus privilégios materiais e simbólicos impostos na colonialidade. É um fenômeno no qual através do tempo se modifica, relacionando-se ao contexto sócio-histórico onde se encontra. No caso do Brasil, é necessário estarmos atentos ao processo de miscigenação e a ideologia de embranquecimento para compreendermos as dinâmicas racistas estabelecidas em seus territórios (SILVA, 2017).

Quanto ao embranquecimento o configuramos pelo movimento de interiorização das filosofias, religiosidades, valores, entre outros, consideradas de povos brancos por pessoas racializadas. Como também as ações de modificações e abandono das culturas africanas e indígenas, substituindo-as por referenciais brancos para se apropriar e reestruturá-las (DOMINGUES, 2002).

Considerando essas questões, é importante investigar a maneira na qual pessoas brancas umbandistas constroem os discursos sobre a sua religiosidade. Observando se o racismo é estrutural e não há possibilidade do branco desvincular-se da sua brancura, de acordo com Silvio Almeida (2019) e Maria Aparecida Bento (2022), suas reverberações também estão presentes nestes espaços religiosos. Ainda mais tendo essas indivíduos transitando nesses lugares de forma acrítica quanto a sua branquitude, praticando, consequentemente, o racismo religioso, compreendido como esse movimento que persegue, criminaliza, discrimina e embranquece religiosidades não-brancas-cristãs (OLIVEIRA, 2017). Visando manter a hegemonia dos ideais das suas culturas e da colonização, continuando, ao se aproximar das culturas de povos racializados, a extorquir, apropriar e modificar seus conhecimentos em prol de seus privilégios (NOGUEIRA, 2020).

4 MÉTODO

Buscando por caminhos para trilhar nossas análises, escolhemos o da pesquisa qualitativa, pois possibilita adentrar no mundo dos significados das ações e relações humanas, podendo assim investigar valores, crenças, experiências, linguagens, entre outros, que constitui a sujeita. A mesma fomenta um solo fértil onde é possível descrever e analisar relações estabelecidas entre umbandistas brancas e sua religião.

Como método, adotamos a Análise do Discurso visando investigar os modos aos quais foram construídos os discursos sobre uma cosmovisão umbandista apresentada no I Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, realizado em 1941, e também por possibilitar explorar práticas discursivas diversas (imagens, sons, letras, etc.). Aqui, compreenderemos o discurso como a linguagem sendo praticada pelas indivíduos, conseqüentemente, mediando a relação entre as pessoas e suas histórias. O mesmo apresenta uma exterioridade, cabendo ao analista relacionar esta com a linguagem, fluindo em direção a reflexão sobre a forma em que se materializa e manifesta a ideologia na língua (ORLANDI, 2009).

Desta forma, buscamos relacionarmos a linguagem a aquilo que é exterior, ou seja, o contexto histórico e político ao qual é anunciada, entendendo o discurso como um objeto sócio-histórico intervindo pelo linguístico. Especificamente, descrevemos o gesto de possível interpretação das indivíduos diante da tese *“Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos: fundamentos históricos e filosóficos”*, apresentada no Congresso citado acima. Utilizando os conceitos de branquitude e embranquecimento para serem nossos dispositivos teóricos analíticos. Podendo desta forma, evidenciar os atravessamentos de ambos na formulação do texto. Orlandi (2009) destaca acerca do discurso que

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação, de construção da realidade etc. [...] A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 2009, p. 21)

Considerando esses aspectos em relação ao discurso, nosso foco estará no não dizer, caminhando ao encontro do conceito de silêncio trabalhado por Orlandi (2007) para construir nossas análises, pois é apontado que o mesmo carrega um aspecto importante no estabelecer dos significados, conectando a ideologia e história ao não-dizer, conseqüentemente, se tornando

simbólico. Também fluímos juntos ao conceito de pacto narcísico da branquitude desenvolvido por Maria Aparecida Bento (2022), destacando como o silêncio é utilizado pela branquitude de maneira a possibilitar se protegerem ao apropriarem e exterminarem culturas afro diaspóricas e indígenas. Tal termo foi estabelecido a partir da imagem mística de Narciso, com intuito de apontar um movimento comprometido da branquitude de defender os privilégios aos quais recebem em decorrência do racismo e de apenas ter olhos voltados para si, apaixonadas pela própria imagem, navegando a se beneficiarem, contratarem, aplaudirem, protegerem, etc.; mantendo os benefícios promovido pelo racismo em suas vidas, sendo o silêncio uma das ferramentas para firma este pacto.

Assim, buscamos compreender de maneira crítica como as pessoas brancas vêm ocupando os espaços de debate acerca das Umbandas. Trazendo o foco a estas pessoas, de maneira a conseguirmos investigar posicionamentos colonialistas promovidos por suas branquitudes em seus discursos. Um evento que serviu de base para a construção de modos de se relacionarem com a religião, sendo até nos dias atuais referência ao se pensar a mesma no âmbito religioso e acadêmico, tornando importante essa investigação.

5 ANÁLISE DO CONGRESSO

O I Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, realizado em outubro de 1941, criado a partir da primeira associação de espiritismo de Umbandas, fundada em 1939. Neste primeiro momento, dos diversos terreiros existentes, alguns nomeados como tenda, apenas cinco compunham a organização do mesmo, apresentando também teses referentes às suas percepções e estudos acerca da religião. Cabe aqui começarmos nossa primeira análise, pois os nomes dados a alguns espaços que ocorrem as giras de Umbandas é tenda, desvinculando-se da palavra terreiro que é fortemente utilizada para remeter a religião, sendo utilizada até para expressar a identidade da pessoa/coletivo, “povo de terreiro”. A não utilização deste termo já demonstra um movimento de silenciamento promovido pelas congressistas, buscando outras maneiras de se referenciar as Umbandas e as identidades daquelas aos quais participam da mesma, distanciando de uma identidade afro diaspórica e indígena.

Quanto aquelas participantes da organização e apresentação das teses, trouxemos quatro fotografias para fins de ilustração das corpas participantes em maior densidade neste espaço e também observarmos como se apresentam. Pois, as fotos demonstram a presença massiva de pessoas brancas no evento, conseqüentemente, de suas branquitudes na discussão das cosmovisões umbandistas apresentadas.

Figuras 1, 2, 3 e 4 - I Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda em 1941



19/10/1941: O SR. DIAMANTINO COELHO FERNANDES, DELEGADO DA TENDA MIRM, APRESENTANDO A TESE DESTA FILADA INTITULADA "O ESPIRITISMO NA EVOLUÇÃO DOS POVOS."

Fonte: I Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda em 1941 (TRINDADE, 2014).

Nas imagens, percebemos os homens brancos sendo maioria nos quatro momentos fotografados, principalmente os que estão no palco, ou seja, aqueles a qual aparentemente são detentores das palavras. Cabendo nos questionar quem são as pessoas, em sua maioria, a construir e apresentar os trabalhos acerca das Umbandas neste Congresso, se há uma predominância de indivíduos brancos ou não. Visto a falta de informações referentes a esse aspecto, pois esta corpa não é colocada como fator de análise.

Outro ponto a ser destacado, é referente às roupas utilizadas por aquelas que estão na foto, não sendo as comuns de povos de terreiros, roupas brancas ou coloridas e guias por exemplo. As pessoas estão de ternos, se aproximando de vestimentas brancas-europeias, distanciando-se de simbologias e caracterizações consideradas como africanas e indígenas. Ocasionalmente um silenciamento e apagamento acerca dos modos simbólicos de vestimenta presente na religião.

Seguindo em nossa análise sobre alguns aspectos desse Congresso, entraremos agora na tese *"Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos: fundamentos históricos e filosóficos"*, apresentada por Diamantino Coelho Fernandes, em nome da Tenda Espírita Mirim, publicada posteriormente, no livro *"Primeiro Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda"*. No decorrer deste trabalho, sendo o primeiro capítulo do livro, percebemos que sua proposta está associada em afirmar a origem e filosofia das Umbanda nas culturas indianas, principalmente nos conhecimentos hindus mais antigos, como destacado na passagem abaixo

A raiz mais antiga de que há registro conhecido acerca de Umbanda, encontra-se nos famosos livros da Índia, os Upanishads, que veiculam um dos ramos do conhecimento mental e filosófico encerrados nos Vedas, a fonte de todo o saber humano acerca das leis divinas que regem o universo. (FERNANDES, 1942, p. 10)

Diante desse posicionamento, podemos observar que mesmo as Umbandas sendo consideradas uma religião afro-indígena, há ações buscando distanciar dessas cosmovisões, caminhando para abandonar esses saberes que serviram como base do seu estabelecimento e indo ao encontro de outros saberes que consideram superiores. Um posicionamento evidenciando o silenciamento a partir da perspectiva de Orlandi (2007), pois tal ação carrega consigo uma ideologia, especificamente a da branquitude, onde tentam silenciar os saberes e tradições afro-indígenas em prol dos seus interesses, ou seja, o embranquecimento e apropriação de culturas.

Neste caso específico, há o silenciamento das culturas bantós e indígenas na construção dos ritos das Umbandas, sendo esse processo um dos interesses contidos na criação deste Congresso, pois buscavam a desafricanização das Umbandas como possibilidade para ser aceita pela sociedade brasileira e pelo Estado, rompendo com as perseguições as quais sofriam (BROWNS, 1985). A grande problemática disso tudo é a branquitude usar desse argumento afim de embranquecer os terreiros, praticando o racismo religioso tão presente na nossa sociedade, sendo aquelas que estão fazendo parte desta religiosidade as promotoras. Desta forma, acabam se aproximando de discursos cristãos buscando continuar esse movimento de aceitação, apropriação e apagamento. Outro exemplo deste fenômeno segue no trecho abaixo

Desde, porém, que estudiosos da doutrina de Jesus se dedicaram a pesquisar os fundamentos desta grande filosofia, que é, ao mesmo tempo, Luz, Amor e Verdade, e a praticam hoje, sincera e devotadamente em sua alta finalidade de congregar, educar e encaminhar as almas para Deus, o Espiritismo de Umbanda readquiriu o seu prestígio milenar, assim como o acatamento e respeito das autoridades brasileiras. (FERNANDES, 1942, p. 20).

Como o racismo no Brasil tem suas bases na teoria das culturas superiores, foi através desta ideologia que tal movimento ganhou forma e força. Durante esse Congresso o intuito de apresentar as Umbandas com alicerces construídos principalmente na cosmovisão cristã, entendida de forma superior às demais, tornou-se o foco. Neste caminho, as culturas e tradições afro-indígenas foram apontadas sendo inferiores e semibárbaras, utilizando-se de termos racistas, “magia negra”, para designar práticas consideradas negativas dentro dos rituais de religiões afro-indígenas. Essas, muitas vezes, eram associadas ao Candomblé, considerado uma religião diabólica e barbara, já que seus cultos são extremamente influenciados pelas culturas afro-diaspóricas contendo, por exemplo,

imolação de animais e idiomas de povos africanos. Assim, colocavam as práticas as quais em suas perspectivas eram negativas e bárbaras advindas do Candomblé, de forma a ser importante as Umbandas não estarem associadas a esta religião se quisessem praticar o “bem” a partir de uma perspectiva do cristianismo. É importante dizer que diversos terreiros têm o costume de trabalhar com as duas religiões, sendo assim candomblecistas e umbandistas, conseqüentemente há a influência de saberes de uma sobre a outra. Em outra passagem na mesma tese é abordado sobre essa relação e a necessidade de compreender a importância de não poder haver vinculação entre ambas;

Daí o ritual [*sic*] semi-bárbaro sob o qual foi a Umbanda conhecida entre nós, e por muitos considerada magia negra ou candomblé. E' preciso considerar, porém, o fenômeno meselógico peculiar às nações africanas donde procederam os negros escravos, a ausência completa de qualquer forma rudimentar de cultura entre eles, para chegarmos à evidência de que a Umbanda não pode ter sido originada no Continente Negro, mas ali existente e praticada sob um ritual que pode ser tido como a degradação de suas velhas formas iniciáticas. (FERNANDES, 1942, p. 20).

Há uma negação forte sobre a origem das Umbandas no continente Africano, mesmo sendo ali o berço da humanidade e também os povos bantos precursores da existência desta religião em terras brasileiras.

Outro aspecto a ser destacado sobre o movimento de silenciamento, esquecimento, dessas cosmovisões, são a utilização dos saberes do Espiritismo de Allan Kardec visando fundamentar as cosmovisões das Umbandas. Vale lembrar que é uma religião conhecida por alguns umbandistas com um histórico racista, devido ao fato de não permitirem em seus rituais a incorporação de entidades (pretas-velhas e caboclas) em suas sessões, às considerando almas de baixa vibração espiritual e inferiores às que eram recebidas em seus espaços, ou seja, brancas europeias. Porém, há uma contradição neste quesito devido à grande utilização de saberes espíritas na forma de analisar as culturas de terreiros, se baseando em uma religião contrária aos rituais umbandistas como referência. Uma busca constante por aceitação e afirmação, a exemplo do trecho a seguir:

Isso que aí está é puro Evangelho segundo o Espiritismo — poderá alguém redarguir-nos, e com plena razão. Nós perguntaremos então: e como se permite alguém acoimar de baixo espiritismo, e até de macumba, um ramo filosófico proveniente das mesmas fontes de sabedoria em que se apoiou o mestre KARDEC — nome que todos nós, adeptos de Umbanda, pronunciamos com inexcedível veneração. (FERNANDES, 1942, p. 18).

Diante do exposto até aqui, podemos notar a busca nestes discursos com o intuito de silenciar as ideologias fundantes das Umbandas, utilizando o racismo religioso como motor deste movimento, contribuindo na ideologia de embranquecimento presente na sociedade brasileira.

Nesta tese analisada, percebemos que seu objetivo foi o de fugir dos saberes afro diaspóricos e indígenas por considerá-los inferiores, buscando se aproximar de outras cosmovisões para construir a história e filosofia umbandista. Cabe ainda lembrar o silenciamento total acerca das influências indígenas nas Umbandas, uma ancestralidade aparentemente cultuada pelas mesmas.

Desta maneira, percebemos a influência das pessoas brancas na construção e divulgação de uma cosmovisão umbandista embranquecida, dialogando com contexto histórico na qual a ideologia do embranquecimento era o alicerce principal do governo e da sociedade, buscando aniquilar as pessoas racializadas e suas culturas em três gerações. Assim, é possível perceber seus vestígios nos discursos estabelecidos sobre as filosofias das Umbandas, tentando silenciar, aniquilar e se apropriar de culturas afro diaspóricas e indígenas.

6 CONCLUSÃO

Diante do exposto até aqui, observamos na tese *“Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos: fundamentos históricos e filosóficos”*, apresentada por Diamantino Coelho Fernandes em nome da Tenda Espírita Mirim, no I Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, que seu discurso apresentava um silenciamento acerca das influências das culturas afro-diaspóricas e indígenas na fundação das Umbandas. Mesmo quando apontam as características advindas dessas culturas eram colocadas como inferiores e sendo necessário aniquilar tais aspectos para a religião ser respeitada, aceita e evoluir.

Percebemos as ideologias que construíram essa tese, a da branquitude e embranquecimento formulada pela elite branca da sociedade brasileira. Onde buscavam em outras cosmovisões argumentos que embasassem a supremacia de uma história e filosofia da religião, desconsiderando os saberes existentes fundamentais para o surgimento dos rituais umbandistas. O silêncio aqui como uma forma de esquecer/aniquilar determinadas características e se apropriar de outras, a partir do momento no qual se manipula o referencial.

Assim, cabe estarmos atentos acerca do silêncio presentes nos discursos, podendo observarmos de maneira crítica o não dito, visto que a sua utilização pode carregar consigo interesses contribuintes em favor da propagação de posições racistas na sociedade, aqui especificamente, o racismo religioso. Essas narrativas criadas e divulgadas em vários espaços possibilitam a germinação de imaginários sociais. A exemplo da tese aqui analisada, apesar de ter sido apresentada em 1941 contribui até hoje para a formulação acerca do que são as Umbandas.

O silêncio dos discursos, somado ao da branquitude frente às posições racistas, mantém um solo fértil para teses como essas circulam em grande escala, sendo consideradas verdades

absolutas. O não dizer fortifica os interesses da ideologia de embranquecimento, ignorando os efeitos da colonialidade e do racismo no contexto brasileiro, principalmente, nos fazendo esquecer/aniquilar saberes e culturas de povos indígenas, tradicionais, afro diaspóricos, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. 1 ed. São Paulo; Sueli Carneiro, Pólen, 2019. 162 p.
- BENTO, M. A. **O pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148 p.
- BROWN, D; et al. **Umbanda e Política**. 1 ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. 156 p.
- COMUNICA Escola de Arte Dramática EAD Eca. **Perspectivas anos 20**: conversa com Castiel Vitorino Brasileiro. São Paulo: EAD ECA USP, 2020. 1 vídeo (111 min). Disponível em: https://youtu.be/j3ecJiw_w5o. Acesso em: 11 jul. 2023.
- DAVID Umbanda. **Sincretismos nos terreiros**. São Paulo: David Umbanda, 2021. 1 vídeo (16 min). Disponível em: <https://youtu.be/AMSyIQL6ndU> . Acesso em: 11 jul. 2023.
- DOMINGUES, P. J. Negros de Almas Brancas? A Ideologia do Branqueamento no Interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 563-599, 2002.
- FEMINISMOS Plurais. **Transfeminismos**: com Djamila Ribeiro e Letícia Nascimento. Piauí: Feminismos Plurais, 2020. 1 vídeo (56 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6qAU09l01u8> . Acesso em: 01 set. 2022.
- FERNANDES, D. O Espiritismo de Umbanda na Evolução dos povos: fundamentos históricos e filosóficos. In: FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA. **Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda**. 1 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1942. cap. 1, p. 8-21.
- MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 138 p.
- NOGUEIRA, S. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro, Polén, 2020. 158 p.
- OLIVEIRA, A. **Religiões afro-brasileiras e o racismo**: contribuição para a categorização do racismo religioso. 2017. 202 p. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) -Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31472?mode=full>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100 p.
- EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL**, Rio Branco–Acre, v. 6, n.2, p. 169-182, mai-ago. 2023. **181**

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. 90 p.

PINTO, F. **Umbanda Religião Brasileira**: guia para leigos. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. 160 p.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010. cap. 1, p. 73-118.

SANTOS, M. P. O I Congresso de Espiritismo de Umbanda, 1941: manifestações de uma “gramática da repressão”. **Revista Hydra**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 154-169, mar. 2019.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2020. 216 p.

SCHUCMAN, L.V. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branca paulistana. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-94, abr. 2014.

SILVA, P. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: MÜLLER, T. M; CARDOSO, L. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1 ed. Curitiba: Appris, 2017. cap. 1, p. 19-32.

SIMAS, L. A. **Umbanda uma história do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. 190 p.

TRINDADE, D. Imagens do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda de 1941. In: Diamantino F. Trindade. **Mandala dos Orixás**. São Paulo, 23 jun. 2014. Disponível em: <http://mandaladosorixas.blogspot.com/2014/06/imagens-do-primeiro-congresso.html>. Acesso em: 11 jul. 2023.

Enviado em: 23/03/2023

Aceito em: 23/06/2023